

O ARQUÉTIPO DA PROSTITUTA SAGRADA NA POESIA BRASILEIRA MODERNA

Maria Goretti Ribeiro¹ (UEPB)

Resumo:

Este trabalho analisa a representação da prostituta sagrada e de sua Deusa em poemas de Olavo Bilac e de Cruz e Souza, comparando a função histórica, mítica e ritual desta figura com o sentido arquetípico-metafórico em poemas de produção masculina. O intuito é demonstrar que o arquétipo do Feminino sagrado e profano fundamenta consciente e/ou inconscientemente as imagens construídas pela subjetividade poética, que se revela seduzida pela sensualidade, formosura e sublimidade do Feminino, apesar do conflito promovido pelo inconsciente coletivo que influencia o poeta com concepções moralistas que condenam e maldizem o corpo e a alma da mulher erótica e sensual. Evidencio, portanto, as metáforas do desejo e da negação do desejo masculino, concluindo que, na contemplação extática da Deusa do amor e de seu séquito de fêmeas fatais encarnadas na pele da mulher comum, o eu poético revela a face do Feminino erótico como um mal que ameaça a harmonia espiritual do homem, mas que dela não consegue se libertar.

Palavras-chave: poesia, cultura grega, arquétipos, prostituta sagrada, fêmea fatal

1 Introdução

Em sociedades agrárias matriarcais muito antigas, as pessoas viviam integradas à natureza e cultuavam deuses e deuses por ela inspirados. Os deuses, que comandavam os destinos humanos, eram divindades telúricas que favoreciam a abundância da terra e, por extensão, a fertilidade dos animais e das mulheres. Esses povos praticavam rituais religiosos propiciatórios para agradar suas divindades. Nos rituais, que aconteciam tanto dentro dos templos como fora deles, homens e mulheres ofereciam à Deusa da fertilidade tudo o que de bom possuíam: alimentos colhidos nas safras temporárias, flores, incensos, animais, objetos preciosos, até a própria vida.

O mundo mediterrâneo, por exemplo, chamou a Deusa por muitos nomes e cultuou muitas de suas faces, que eram formas de manifestação de uma pluralidade de figuras da divindade feminina suprema difundida pelo culto e pelos rituais ao longo dos tempos. A ela foram associadas idéias de virgindade, de fertilidade e de soberania sobre o céu, sobre a terra e sobre as águas. Senhora dos animais, das plantas e dos destinos, essa deidade possuía o poder porque a vida e a morte estavam no seu ventre, num contínuo nascer, morrer e renascer. Virgem, impenetrável, simbolicamente completa, uma ditadora sexual, ela mantinha os homens, agentes fertilizadores, seus consortes, sob seu controle. Mesmo casada, mantinha a condição de virgem visto que o esposo não a dominava.

Independente do nome ou do lugar onde era cultuada, a Deusa estava associada à primavera, à natureza, às sementes, aos aspectos da natureza feminina que se manifestam no corpo, na mente e na alma, como a beleza física, a sedução, a sabedoria instintiva e o princípio do Eros. Do ponto de vista psicológico, trata-se de um modelo padrão que habita o inconsciente coletivo e pessoal:

Com ‘deusa’ queremos exprimir a descrição psicológica de um tipo de complexo de personalidade feminina que reconhecemos intuitivamente em nós, nas mulheres à nossa volta, e também nas imagens e ícones que estão em toda parte em nossa cultura. [...] Uma deusa é, portanto, a forma que um arquétipo feminino pode assumir no contexto de uma narrativa ou epopéia mitológica. Num conto de fadas,

esse arquétipo pode aparecer como princesa, rainha ou bruxa (WOOLGER, 1994. p. 14).

Jung relacionou o arquétipo do Feminino com o princípio erótico da Deusa. O Eros implica comprometimento passional, convívio com a porção obscurecida da personalidade, com certas realidades marginais à moral e com inferioridades excluídas do campo dos interesses conscientes. Bachofen relaciona o princípio Feminino ao sexual e o explica como “ardor da mulher”, cujo excesso ultrapassava, nos antigos rituais sagrados, os domínios da razão convencional, promovendo a união indissolúvel de duas grandes forças: o êxtase erótico e o culto a um deus, cujas manifestações físicas se assentavam no fundo emocional exacerbado. Ele atribui ao arrebatamento erótico sagrado do deus grego Dioniso o entusiasmo frenético das mênades embriagadas com vinho e por ele possuídas:

Abalada no mais íntimo recesso de seu ser, a mulher eleva aos céus um clamor que ultrapassa as mais altas e silenciosas montanhas, buscando em toda parte aquele deus revelado, que também prefere trilhar as alturas... A intensidade do ardor orgiástico, misto de religião e sensualidade, mostra como a mulher, apesar de mais fraca que o homem, é capaz, com o passar do tempo, de atingir planos mais elevados que ele. Através de seu mistério, Dioniso capturava a alma feminina com sua inclinação por tudo que é sobrenatural, por tudo que desafia a lei natural; através de sua ofuscante e sensual epifania, ele atua sobre a capacidade de imaginação que, para a mulher, constitui o ponto de partida para todas as suas emoções interiores, e para suas sensações eróticas, sem as quais ela nada consegue realizar, mas à qual, sob a proteção da religião, ela permite uma expressão avassaladora, que ultrapassa todas as barreiras (BACHOFEN apud NEUMANN, 1996. p. 257).

O fascínio pela transcendentalidade erótica da Deusa levou os homens sedentos de prazer sexual aos templos de Afrodite para viverem o amor divino na carne com as prostitutas sagradas ainda que o ato não se concretizasse a não ser por uma possessão psíquica pela divindade. O imaginário masculino fertilizado pelo arquétipo de Afrodite, por exemplo, enriquecia-se nos rituais sagrados de mistério através de visões e fantasias eróticas ritualizadas pelas sacerdotisas, de modo a provocar uma espécie de torpor onírico, que se realizava como imagens ideais da relação sexual, desde o encantamento visual aos mais diversos estímulos dos sentidos. “Se não tivermos uma noção do conteúdo sexual de antigos cultos e imaginarmos que a experiência de união com um deus da Antiguidade era considerado um coito mais ou menos completo, não podemos mais conceber que as forças motoras da fantasia que cria símbolos” (JUNG, 1995. p. 218) são capazes de inspirar a poesia.

Na arte literária, a epifania da Deusa acontece como estesia, uma espécie de êxtase provocado pela contemplação do belo e do sublime, que transforma a realidade em elocubrações metafóricas e leva o artista a projetar um variegado repertório de imagens. Quando se trata de imagens da mulher sagrada, irrompem arquétipos das divindades femininas que encarnam em mulheres de papel pela linguagem elaborada na mente do poeta.

1.1 Manifestações do arquétipo do Feminino em poemas de Bilac e Cruz e Souza

A mulher construída na poética parnasiana e simbolista de Olavo Bilac e Cruz e Souza respectivamente, não raro, encarnam a Deusa nas diferentes configurações arquetípicas que fundamentam o eterno Feminino, como se pode ver no poema “Oração à Cibele”, de Olavo Bilac. O eu poético, seduzido pelo amor místico à divindade, prostra-se diante da Deusa Mãe romana da

agricultura para suplicar-lhe a morte feliz. Tal súplica se expressa como uma possibilidade de acesso ao sagrado para transformação existencial do poeta:

Deitado sobre a terra, em cruz, levanto o rosto
Ao céu e às tuas mãos ferozes e esmoleres.
Mata-me! Abençoei teu coração, composto,
Ó mãe, dos corações de todas as mulheres!

Tu, que me dás amor e dor, gosto e desgosto,
Glória e vergonha, tu, que me afagas e feres,
Aniquila-me! E doura e embala o meu sol-posto,
Fonte! Berço! Mistério! Ísis! Pandora! Ceres!

Que eu morra assim feliz, tudo de ti querendo:
Mal e bem, desespero e ideal, veneno e pomo,
Pecados e perdões, beijos puros e impuros!

E os astros sobre mim caíam de ti, chovendo,
Como os teus crimes, como as tuas bênçãos, como
A doçura e o travor de teus cachos maduros!

Cibele é uma das quatro míticas Deusas ctônicas que, como Isis, Pandora e Ceres, concede ao indivíduo que mergulha nas trevas profundas da alma benefícios materiais e auxílio espiritual. Essa imagem da Deusa é “também uma visão religiosa que anima a alma penalizada pelos terrores inconscientes, afastando-a de todas as ‘delusões’, não apenas por meio de reajustamento do desejo erótico de viver (Eros) e da hostilidade à vida (Thanatos)”, mas libertando definitivamente o indivíduo desses “impulsos delusórios” (cf. CAMPBELL, 2000. p. 115).

“Fonte, berço, mistério”, último reduto, paradoxo entre o bem e o mal para o eu lírico, Cibele é o poder Cósmico, a totalidade do universo, a harmonização dos conflitos espirituais, que combina desejo carnal e libertação da matéria, inspirando, prodigiosamente, imagens do terror da destruição absoluta e da segurança do paraíso eterno. Assim funciona o arquétipo do Feminino divino para o eu poético porque, de acordo com o inconsciente coletivo, os deuses – celeste, terrestre ou infernal – são tomados como ícones e trazem a bênção final de toda a existência. A Deusa pode finalmente ser vista como instrumento de transmutação que lhe proporciona à, “semelhança com o sonho infantil de bênçãos e temor, um mero sonho ligeiramente passageiro e recorrente” (CAMPBELL, 2000, p. 169).

A aparição da Deusa (radiante de luz, plena em beleza, sabedoria e poder) é um tema bastante recorrente na literatura. Recordo a narração de Lúcio em *O asno de ouro*, de Apuleio quando, após uma súplica para que a rainha do céu o ajudasse a mudar o seu malfadado destino, ele vê, em êxtase, a sua imagem saindo das águas do mar e se materializando numa maravilhosa teofania, que ele assim descreve: “sua rica e longa cabeleira, ligeiramente ondulada e largamente espalhada sobre a nuca divina [...]. Uma coroa, irregularmente trançada com várias flores, cingia-lhe o cimo da cabeça”. Um disco plano no centro da fronte da deusa “lançava alvo clarão”. [...] A túnica, radiante, tinha várias tonalidades, ao mesmo tempo, do branco ao ouro do açafrao e ao grená vivo da rosa. Um manto negríssimo, à maneira de escudo, cobria a rainha do céu. “A barra bordada, assim como o fundo do tecido, eram semeados de estrelas faiscantes, no meio das quais uma lua, na sua plenitude, expedia ígneas flamas.”

Divindade itálica, senhora das florestas, esta deidade circulou toda a Europa inclusive durante a era cristã. Suas vestes brancas, seu aspecto juvenil e delicado, cabelos louros, sua formosura alva, favorecem sua identificação no romanceiro francês que ecoa nas serranilhas antigas

e medievais. No soneto “Flor do Mar”, também Cruz e Souza reverencia a Deusa Afrodite, descrevendo-a como modelo de perfeição e de beleza, ao surgir das águas do mar no dia do seu nascimento:

És da origem do mar, vens do secreto,
Do estranho mar espumaroso e frio
Que põe rede de sonhos ao navio
E o deixa balouçar, na vaga, inquieto.

Possuis do mar o deslumbrante afeto
As dormências nervosas e o sombrio
E torvo aspecto aterrador, bravio
Das ondas no atro e proceloso aspecto.

Num fundo ideal de púrpuras e rosas
Surges das águas mucilaginosas
Como a lua entre a névoa dos espaços...

Trazes na carne o florescer das vinhas,
Auroras, virgens músicas marinhas,
Acres aromas de algas e sargaços.

Esta imagem de mulher divina afrodisíaca está no inconsciente coletivo e vem ressignificar na poesia moderna. A mulher sagrada foi redescoberta pela Psicologia profunda como a fonte dos padrões emocionais, dos pensamentos, sentimentos e instintos femininos que sobrevivem submersos no inconsciente coletivo e podem ser apreendidos por meio da virgindade pudicícia, da criatividade e inspiração que modelam a imagem anímica do Feminino na psique masculina.

Ao fantasiar a mulher perfeita amada e desejada, a imaginação do artista projeta tanto imagens pessoais quanto imagens comuns ao imaginário cultural e ao inconsciente coletivo. O arquétipo da Deusa é sempre projetado em uma bela mulher, amante, heroína, admirada por suas virtudes: a mãe bondosa, a princesa elegante e educada, a rainha obediente, a fada madrinha, a prostituta sagrada, a virgem, de acordo com a forma que esse sujeito pode assumir no contexto literário, de modo que o ser de papel sempre encarnará um perfil emoldurado no campo da energia psíquica que o arquétipo inspira, informando os tipos, as atitudes, o comportamento e os ideais que compõem a imagem de uma Deusa.

1.2 A imagem poética da Prostituta Sagrada

A Prostituição Sagrada (*Hierà Porneía*) – costume muito antigo – era praticado em praticamente todas as comunidades do Oriente Médio (Fenícia, Síria, Babilônia e Ásia Menor); no território grego só foi registrado em Corinto, Pafos e em Ámato, no Chipre. Também há registros históricos dessa prática na África e na Índia.

Era um costume bem assimilado por essas civilizações algumas mulheres, as *hieródouloi* (“servas sagradas”) servirem como prostitutas nos templos da Deusa do amor. Elas tinham relações sexuais, mediante pagamento, em honra à divindade, que em retribuição proporcionava-lhes fertilidade e prosperidade, embora o dinheiro fosse mantido no tesouro do templo. Em atos de louvor e devoção, suplicando e agradecendo, muitas garotas sacrificavam sua virgindade, unindo-se um estranho, a fim de serem agraciadas pela Deusa, outras ficavam no templo para serem

defloradas antes do casamento e ofereciam o ato sexual como reverência à Deusa do amor e da paixão. Tratava-se de um gesto honroso e respeitoso, que agradava tanto ao divino quanto ao humano, de modo que a prática da prostituição sagrada não separava sexualidade e espiritualidade.

Assim o fervor erótico e o desejo sexual, inerentes à natureza humana, eram vivenciados como bênçãos divinas, de tal forma que atitude religiosa e união sexual eram inseparáveis. Acreditava-se que as Prostitutas Sagradas eram esposas de deuses e agraciadas por eles, e por assim ser, eram consideradas pessoas especiais que podiam interpretar a vontade do deus, conceder suas bênçãos e fazer pedidos a eles pelos outros. Quando a Deusa encarnava na Prostituta Sagrada, ela transmitia o prazer sexual divino, e por assim o ser, absoluto, capaz de transformar em arte de amar os rudes instintos animais do estranho. Nessa união da Prostituta Sagrada com o estranho efetivava-se a junção do espiritual com o físico e transcendia-se o pessoal para se penetrar no ser divino. As emoções humanas e as energias corporais criativas uniam-se com o suprapessoal. Assim o estranho tocava as forças regenerativas básicas porque acreditava que a deusa estava encarnada naquela mulher, carnal através do qual se uniam forças ctônicas e espirituais que garantiam a continuidade da vida e do amor. Por isto a Prostituta Sagrada oferecia uma profunda sensação de bem-estar, talvez a que não fosse sentida fora dos recintos sagrados. Heródoto admite que

a mágica sensual das prostitutas sagradas, ou *Horae* ‘suaviza o comportamento dos homens’. Em civilizações posteriores, elas eram frequentemente conhecidas por Amáveis ou Graças, uma vez que se referem à combinação única de beleza e bondade chamada *charis* (latim, *caritas*), mais tarde traduzido por ‘caridade’. Na verdade, era como a *karuna* hindu, combinação de amor-de-mãe, ternura, conforto, percepção mística e sexo (*apud* QUALLS-CORBETT, 1990. p. 43).

A Prostituta Sagrada era conhecida como uma perfeição da Deusa que provocava no homem estranho um misto de desejo e respeito, uma representação sublime da fertilidade. A Sacerdotisa, Prostituta Sagrada em grau superior simbolizava o *hieros gamos*, casamento sagrado, unindo-se carnalmente a seu companheiro, o hierofante, gesto imitado pelas fiéis em certas ocasiões.

Todavia, o sentido ritual da função da Prostituta Sagrada mudou com o passar do tempo. Substituindo-se o adjetivo sagrada, que elevava a mulher, por pecadora, adúltera, venérea (filha de Vênus), instrumento diabólico, fêmea fatal, incubo, houve uma degradação do sentido de seu ato: ela passou a ser identificada como a profana dama dos martírios da carne. É com esta imagem que ela vai ressurgir em alguns poemas de Olavo Bilac e de Cruz e Souza.

Embora perdida no tempo de nossa realidade vivencial, a Deusa do amor e sua Prostituta Sagrada podem ser um aspecto atuante no processo psíquico do poeta, principalmente, ao criar belas e sensualíssimas mulheres de quem o eu lírico parnasiano e simbolista foge por “medo” ou por “precaução”. As beldades desejadas, por assim dizer, configuram-se como imagens arquetípicas, no sentido em que sua energia está associada a emoções específicas e a padrões de comportamento condenados pelo inconsciente coletivo.

Em “A tentação de Xenócrates”, de Olavo Bilac, o poeta/narrador fala sobre a tentativa da bela e cortejada Laís de seduzir o sábio Xenócrates, um filósofo que vivia contemplando o mundo e filosofando entre a natureza, o silêncio e os inúmeros questionamentos a respeito da alma humana. Homem recatado, tranqüilo e moralista que valorizava a razão, o espírito, o conhecimento abstrato, Xenócrates permaneceu irredutível e “impoluto” diante de Laís, pois

Nada turbava aquela vida austera:
Calmamente, traçada a túnica severa,
Impassível, cruzando a passos lentos
As aléias de plátanos, - dizia

Das faculdades da alma e da teoria
De Platão aos discípulos atentos.

[...]

Aí, na eterna calma,
Na eterna luz dos céus silenciosos,
Voa, abrindo, sua alma
As asas invisíveis,
E interrogando os vultos majestosos
Dos deuses impassíveis...

Sabe-se que Xenócrates foi um filósofo grego que viveu por volta de 376 a.C. Discípulo de Platão, que entrou para a Academia platônica e o acompanhou a Siracusa após a morte de Dionísio I. Quando Platão morreu (347- 348 a.C), Xenócrates deixou Atenas com Aristóteles, para ir a Assos, onde permaneceu por cinco anos. Escreveu sobre filosofia e matemática e, embora todos os seus livros tenham desaparecido, há registro de dois existentes: "Em Números" e "A Teoria dos Números". Ele dizia que a matéria era composta de indivisíveis unidades e, como Pitágoras, pregava a importância dos números na filosofia. Para Xenócrates, o homem tinha uma tripla existência: mente, corpo e alma, embora não se tenham registros que tenha escrito sobre essa crença. Também pensava que as pessoas morriam duas vezes: uma primeira vez na Terra e uma segunda na Lua, quando a mente se separava da alma e viajava para o Sol.

Laís de Corinto floresceu na época da Guerra do Peloponeso e era tida como a mulher mais bonita de seu tempo. Outra mais jovem, Laís de Hyccara, foi contemporânea e rival de uma hetaira de renome, Phryne () que teria acabado de modo trágico na Tessália. Fernando Pessoa traduziu um poema de uma Antologia Grega em inglês de W.R.Paton, atribuída a Platão e dedicada a uma Laís, que fala da dor dessa mulher ao se ver marcada pelo tempo:

“Eu, cuja beleza altiva sorriu-se da Grécia,
Laís, a cuja porta eram enxame os amantes,
O espelho em que me via, hoje a Afrodite dedico
Não quero ver-me qual sou, não posso ver-me qual fui.”

A Laís de Bilac, escrava cortesã, é a descrição mimética da formosa hetaira grega, em cuja beleza está impresso o erotismo e sublimidade, dotes de Afrodite; arma poderosa com a qual seria capaz de vencer um império moralista. Profana e ardilosa, ela representa o desejo e o perigo para um homem instintual; sensual e inteligente, capaz de conquistar tantos nobres, seduziria um sábio com tanta facilidade?

Ora Laís, a siciliana escrava
Que Apeles seduzira, amada e bela
Por esse tempo Atenas dominava...

Nem o frio Demóstenes altivo
Lhe fuge o império: dos encantos dela
Curva-se o próprio Diógenes cativo.

[...]

Caem-lhe aos pés as pérolas e as flores,
As dracmas de ouro, as almas e os presentes,
Por uma noite de febris ardores.

Heliastes e Eupátridas sagrados,
Artistas e Oradores eloqüentes
Leva ao carro de glória acorrentados...

E os generais indômitos, vencidos,
Vendo-a, sentem por baixo das couraças
Os corações de súbito feridos.

Habituada a um ambiente festivo, sempre acompanhada por homens influentes e poderosos que lhe caíam aos pés, Laís é a própria força da carne que faz quedar qualquer incauto. A voz poética que a descreve tanto a contempla como um mimo da Deusa quanto demonstra certa rejeição ao seu procedimento, cuja concepção moralista (que promove a luta contra a libido, a cobiça do objeto contemplado e o desejo erótico) vai confabular com a indiferença do filósofo aos arroubos da hetaira que nele se enrosca como uma serpente. Laís, a caçadora de homens, tenta trazer Xenócrates, o iluminado, o puro em idéias, o sóbrio e equilibrado para o seu mundo de “perdição”. Todavia o filósofo não se deixar seduzir. Enfim, o desejo e as emoções são retirados em nome da “razão” ascética:

Os que morrem por ela, e ao céu pedem mais vida,
Para tê-la por ela inda uma vez perdida!
Mas Xenócrates cisma...

[...]

Cisma o sábio. Que importa aquele corpo ardente
Que o envolve, e enlaça, e prende, e aperta loucamente?
Fosse cadáver frio o mundo ancião! talvez
Mais sentisse o calor daquela ebúrnea tez!...

Em vão Laís o abraça, e o nacarado lábio
Chega-lhe ao lábio frio... Em vão! Medita o sábio,
[...]

E ela: "Vivo não és! Jurei domar um homem,
Mas de beijos não sei que a pedra fria domem!"

Xenócrates, então, do leito levantou
O corpo, e o olhar no olhar da cortesã cravou:

"Pode rugir a carne... Embora! Dela acima
Paira o espírito ideal que a purifica e anima:
Cobrem nuvens o espaço, e, acima do atro véu
Das nuvens, brilha a estrela iluminando o céu!"

Disse. E outra vez, deixando
A alva barba espalhar-se em rolos sobre o leito,

Quedou-se a meditar, as magras mãos cruzando
Sobre o escamado peito.

Em essência, as hetairas, mulheres belas, educadas, asseadas e inteligentes, também eram prostitutas sagradas em nível superior, visto que também vendiam seus corpos. A palavra hetaira significa “companheira”. Elas acompanhavam os homens em eventos sociais dos quais as esposas eram excluídas tanto por falta de instrução quanto pelos costumes. As hetairas participavam dos banquetes (*symposia*) – em que bebiam mais do que comiam – tratavam de assuntos políticos e filosóficos e se divertiam com músicas e danças executadas por elas. Não raro, tais banquetes acabavam em orgia (cf. VRISSIMTZIS, 2002. p. 93-99).

Entretanto, a filosofia sempre se manteve precavida com relação às mulheres porque os pensadores ocidentais, principalmente os platônicos, entendiam que o desejo e a sexualidade feminina poluíam as idéias. Os filósofos admitiam que elas possuíssem caráter enganador, que fossem a fonte de todo o mal devido ao seu papel na concepção, no parto e na morte. Como seres sensíveis e envolventes, elas deveriam estar subordinadas ao intelecto racional do homem e afastadas das verdadeiras formas do conhecimento que eles tanto buscavam.

Nas ruas de todas as cidades, a prostituta foi e será a face daimônica da natureza. Iniciada nos mistérios pagãos muito antigos, ela ainda é um objeto a serviço do prazer de uma inextinguível demanda masculina, um agente da luta da carne contra o espírito, conflito que as religiões de todos os tempos jamais conseguiram resolver. Todavia também houve restrições e hierarquias no mundo da prostituição. Havia diferença entre freqüentar uma cortesã, uma prostituta elegante ou uma massagista. Certas prostitutas tornaram-se muito célebres; os nomes de Taís, Glicéria, Leontina, chegaram até nossos dias. Entretanto, elas continuam representando para a sociedade civilizada e hipócrita a dama da noite, a saqueadora de homens que profana o corpo, uma feiticeira primitiva e consumista que conhece os segredos de alcova dos nobres aparentemente felizes, e que também dissemina os males físicos, espirituais e morais, “curando-os” sem nenhuma pretensão de usufruir algum direito sobre o homem beneficiado.

Esta é a concepção da bela sedutora que a voz poética deixa-nos entrever em “Tulipa real”, de Cruz e Souza. Entremeando o elogio à formosura feminina e o desejo masculino por ela despertado, o eu lírico revela o drama eterno da nossa cultura ascética: o conflito entre o erótico e o místico, entre o sagrado e o profano, de modo que, ora deusa ora prostituta, a mulher poetizada se evidencia como uma manifestação do inconsciente coletivo, metaforizando a dualidade bem e mal e se expondo como volúpia incontrolada, como sentimento de ternura vital e como danação para o eu lírico.

Carne opulenta, majestosa, fina,
Do sol gerada nos febris carinhos,
Há músicas, há cânticos, há vinhos
Na tua estranha boca sulferina.

A forma delicada e alabastrina
Do teu corpo de límpidos arminhos
Tem a frescura virginal dos linhos
E da neve polar e cristalina.

Deslumbramento de luxúria e gozo,
Vem dessa carne o travo aciduloso
De um fruto aberto aos tropicais mormaços.

Teu coração lembra a orgia dos triclinios...
E os reis dormem bizarros e sanguíneos
Na seda branca e pulcra dos teus braços.

O poeta canta a majestosa deidade erótica, à semelhança das prostitutas sagradas – uma imagem arquetípica que reúne configurações mítico-existenciais da mulher sedutora tida como “*instrumentum diaboli*”, cuja condenação se deve à função primária do pecado da carne e à função secundária de proporcionar o prazer sexual por dinheiro, agenciando com isto a poluição física e espiritual do corpo e da alma. No poema “Múmia”, onde relemos o mito de Lilith, o poeta canta a mulher simbolicamente morta, degradada ao nível inferior de sua natureza fêmeal, mas nem por isto menos desejada:

Múmia de sangue e lama e terra e treva,
Podridão feita deusa de granito,
Que surge dos mistérios do Infinito
Amamentada na lascívia de Eva.

Tua boca voraz se farta e ceva
Na carne e espalhas o temor maldito,
O grito humano, o doloroso grito
Que um vento estranho para os limbos leva.

Báratros, criptas, dédalos atrozes
Escancaram-se aos tétricos, ferozes
Uivos tremendos com luxúria e cio...

Ris a punhais de frígidos sarcasmos
E deve dar congélidos espasmos
O teu beijo de pedra horrendo e frio!...

A tradição sumério-acadiana criou Lilith como demônio lascivo. Laços estreitos e indestrutíveis a associam à Deusa terrível, potência ctônica do Eterno Feminino, cultuada sob os nomes de Astarte, Ishtar e Inana, a quem se atribui fertilidade, sabedoria e poder sobre os homens.

Segundo a versão jeovística, Lilith, primeira esposa de Adão, anterior a Eva, foi feita por Deus das imundícies da terra, no limiar entre o sexto e o sétimo dia da Criação e do repouso divino. Apesar da matéria putrefata de que se originou, Lilith era uma bela mulher, de cabelos longos, corpo escultural, rosto suave e mãos delicadas. Após ser criada, apareceu no Jardim do Éden, à sombra de um sicômoro, ornada com gemas preciosas. (cf.: SICUTERI, 1985, p. 30-34).

Lasciva, Lilith rebelou-se contra sua posição durante o coito, não admitindo ficar debaixo do homem, cuja insurreição desagradou a Adão e por cujo motivo ele a repeliu. Deus enviou seus anjos para fazê-la voltar para o marido sob pena de ser amaldiçoada, condição esta por ela preferida. Desta forma, imergindo nas águas abismais e trevosas do Mar Vermelho, ela passa a se relacionar com demônios, transforma-se numa serpente alada – algumas vezes em um íncubo – e passa a atrair e prejudicar os homens. Há uma versão que diz que Lilith incorporou-se na serpente que tentou Eva no Paraíso.

O demônio-serpente Lilith arrasta o masculino para um turbilhão de desgraças, inclusive patrocina doenças e morte. Seu comportamento marcou o ser Feminino com o estigma da astúcia, do engodo, da traição, da perversão, espécies de “veneno” destilado ou de sortilégio utilizado para envolver, prender e destruir o masculino por vingança. Por isto a voz popular diz que dentro da mulher há uma serpente ancestral e instintiva, que atrai, gera e dilacera.

Com seu grito estridente, sua audácia, sua natureza luxuriante de fêmea decadente que incorporou a natureza ofídica do Demônio, o arquétipo de Lilith fornece o modelo para a metáfora básica da mulher petizada por Cruz e Souza: o mistério, o oculto do seu corpo que vela o motivo do aprisionamento do masculino. O mistério da sexualidade feminina, o oculto do corpo da fêmea, que criou a fantasia da encarnação da Deusa do amor na Prostituta Sagrada através da mente do homem

antigo também criou a Lilith suméria e a “Múmia” simbolista. Estas imagens todas contem uma célula arcaica do Feminino que desafia o conhecimento do homem.

A “Múmia”, “amamentada na lascívia de Eva”, “podridão feita deusa de granito”, “que surge dos mistérios do Infinito”, como a Lilith, “feita de sangue e saliva”, guarda o profundo significado cultuado nos rituais pagãos: o mistério da escuridão ctônica que se oculta no corpo da mulher. Paglia (1992. p. 33) escreve que “toda mulher é uma sacerdotisa que guarda o *tememos* de mistérios daimônicos”. Portanto, “os mistérios da luxúria” da fêmea fatal é o seu erotismo, ponto fraco da humanidade, que procura sentir e funcionar sob o peso da consciência ao negar o instinto. Esta frieza racional condena o desejo do poeta, que busca abolir da mente o que o olho devora. Portanto o corpo feminino, santuário do gozo profundo, segredo do prazer erótico, significa para ele a culpa do pecado da lascívia.

Conclusão

A magia do corpo feminino é um lado obscurecido da alma, pouco compreendido, muito projetado em toda criação do homem e essencialmente responsável por muitos mitos da sacralização e da maldição da mulher. Apesar de ser um arquétipo ambivalente, com capacidade mental, criativa e cognitiva, é comum representar-se a Deusa do amor como o lado sedutor da mulher. Entretanto, trata-se de uma energia positiva que dinamiza a natureza do Feminino sagrado, promove transformações, caracteriza o aspecto elementar maternal, protege e agencia o crescimento psicológico.

Vimos que algumas imagens arquetípicas do Feminino negativo, especialmente as da fêmea fatal, nos poemas, envolvem o instinto e formam uma poderosa arquitetura imaginária contra a mulher, abjurando, como conseqüência, seus valores naturais. O tema mítico da “maldição da mulher” sempre fez parte das reflexões sobre a existência humana, representando concretamente a capacidade que o imaginário tem de criar imagens destrutivas e conservá-las de forma atemporal. Isto confirma o pensamento junguiano de que nenhuma formulação intelectual científica tem a permanência, a profundidade e a força de expressão das imagens arquetípicas. Entendo que os mitos do Feminino, que influenciaram a psique do homem antigo com conteúdos ricos de significados destrutivos, são responsáveis pelos eternos estigmas da culpa feminina pelos males no mundo graças à sua tendência à luxúria, como divulgaram os filósofos gregos e medievais, e como poetiza Bilac e Cruz e Souza, conforme demonstrei ao longo desta análise.

A linguagem literária, que apresenta uma visão de mundo em conformidade com o segmento sociocultural e motivações inconscientes que a ela se impõem, que transforma a razão em emoção, que cria a beleza poética, serve-se da imagem da Deusa do Amor e de sua Prostituta Sagrada para metaforizar sentimentos, comportamentos e fatos da vida sob a óptica do imaginário poético, não apenas de acordo com modelos platônico, medieval, romântico, mas como imagem de força instintual, forte e incontrolável, criando condições propícias para se refletir sobre a subjetividade e o significado do Feminino sagrado e profano em tempos modernos, até contemporâneos.

A Prostituta Sagrada, metaforizada na literatura parnasiana e simbolista, ainda se apresenta marcada com os complexos destrutivos que lhe foram legados ao longo do tempo, ainda continua perdendo no jogo cultural do poder, entretanto ainda expressa a natureza original feminina sob os moldes do imaginário coletivo.

Referências bibliográficas

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2000.

- JUNG, Carl Gustav. *Símbolos de transformação*. Tradução de Eva Stern. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- NEUMANN, Erich. 1996. *A Grande Mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*. Tradução de Fernando Pedroza de Mattos e Maria Silvia Mourão Neto. São Paulo: Cultrix.
- PAGLIA, Camille. *Personas sexuais*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- QUALLS-CORBET, Nancy. 1990. *A prostituta sagrada*. Tradução de Isa F. Leal Ferreira. São Paulo: Paulus. (Coleção Amor e Psique).
- SICUTERI, Roberto. *Lilith, a lua negra*. Tradução de Norma Telles e J. Adolpho S. Gordo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- VRISSIMTZIS, Nikos A. *Amor, Sexo e Casamento na Grécia Antiga*. Trad. Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus, 2002.
- WOOLGER, Jennifer Barker. Roger J. WOOLGER. 1994. *A deusa interior*. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Cultrix.

¹ Maria Goretti RIBEIRO
Professora Doutora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
magori.5@hotmail.com